

A FILOSOFIA DE TODOS NÓS: O SENSO DE VIDA SEGUNDO AYN RAND

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.029-006>

Milton Leonardo Espíndola Kasprike

Psicólogo, formado pelo Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba-PR, e atualmente é mestrando no programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9273-8576>

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/9719519596659041>

E-mail: leonardo_kasprike@hotmail.com

RESUMO

Ayn Rand afirma que todos possuem uma filosofia chamada de senso de vida que atua como um avaliador automático de todos os pensamentos, emoções e ações dos indivíduos. O objetivo do artigo é apresentar este conceito, demonstrar sua aplicação prática e expor quais são as questões filosóficas envolvidas. Metodologicamente, o artigo realiza uma análise teórica das obras de Rand e de seus principais colaboradores. O artigo explora como o senso de vida é formado subconscientemente e como influencia a percepção da realidade e a autoestima do sujeito. Saber sobre o senso de vida é fundamental a todos os homens, pois a ignorância pode levar a uma existência guiada por ideias não examinadas e contraditórias, o que leva a emoções negativas e a passividade das ações. O confronto consciente das questões filosóficas que Rand apresenta é o processo pelo qual todos os homens devem passar para alcançar uma vida mais harmoniosa, autoconfiante e realizada. Por fim, o artigo enfatiza que é apenas pela filosofia que o homem pode desenvolver um senso de vida benevolente, que reconhece a razão como um absoluto, a realidade como cognoscível, o ser humano como bom e a felicidade como um objetivo.

Palavras-chave: Filosofia. Ayn Rand. Objetivismo. Senso de Vida. Autoestima.



1 INTRODUÇÃO

Ayn Rand, filósofa e romancista russo-americana, conhecida por ter desenvolvido a filosofia do Objetivismo, afirma que todo ser humano possui um tipo de filosofia que guia seus pensamentos, emoções e ações. Independentemente do contexto cultural ou nível educacional, cada indivíduo possui o que Rand chamou de “senso de vida” (*sense of life*) – uma avaliação emocional subconsciente da existência, do homem e da moralidade. Esta filosofia implícita e não articulada é uma característica humana tão fundamental que a ignorância quanto a ela é um dos principais problemas da humanidade e uma das causas da decadência cultural e filosófica. De acordo com Rand, a maioria dos homens é deliberadamente ignorante quanto ao senso de vida. Nesse contexto, Rand propõe que a compreensão do senso de vida passa necessariamente pela reflexão sobre três perguntas fundamentais que todo indivíduo deve se fazer, mas que a maioria dos homens se esquiva. Estas três perguntas fundamentam toda a sua vida, pensamentos, emoções e ações: “Onde estou? Como sei disso? O que devo fazer?”. Estas três perguntas são pertinentes a todos os homens, porém “quando chegam à idade de compreender essas questões, os homens acreditam que já conhecem as respostas.” (Rand, 1984).

De acordo com a filosofia objetivista, o senso de vida é algo tão crucial no homem que está presente em todas as suas expressões, postura, fala, escolha de palavras, pensamentos, vestimentas, arte e amor romântico. O senso de vida de alguém pode ser percebido quase que instantaneamente pela interação ou nas reações a situações que ocorrem no momento, como um evento imediato no contexto de uma conversa, uma notícia sobre política até a apreciação de um produto cultural.

Este artigo procura apresentar uma introdução ao conceito de senso de vida criado por Ayn Rand. Também em demonstrar como este conceito funciona na forma prática, em expor quais são as questões filosóficas identificadas por Rand que formam o senso de vida e como as respostas à estas questões resultam em um senso de vida benevolente ou malevolente. Uma vez que o senso de vida é uma característica humana geralmente negligenciada, o artigo procura argumentar sobre a importância de tomar consciência a respeito do próprio senso de vida e em como este conhecimento pode contribuir para uma vida mais harmoniosa com seus valores, convicções e ações. Em última análise, trata-se de um argumento de Ayn Rand sobre como a filosofia é fundamental e a causa principal das experiências humanas.

2 A INEVITABILIDADE DA FILOSOFIA

De acordo com Ayn Rand, os seres humanos não têm escolha quanto a necessidade de filosofia em suas vidas. Mas têm escolhas quanto se a filosofia que guiará suas vidas é definida conscientemente ou inconscientemente. Seja por escolha voluntária ou por acidente, por um processo de pensamento racional e disciplinado, ou por osmose de vários conceitos acumulados, e potencialmente contraditórios, ao longo de experiências aleatórias em sua vida (RAND, 1984, p. 6). O resultado de



uma filosofia formada, seja conscientemente por escolha ou subconscientemente por evasão, é a variação na autoconfiança do indivíduo, em como ele determinará os seus valores, a extensão de suas ambições e o tipo de emoções que ele irá sentir em cada situação. O filósofo Leonard Peikoff, principal seguidor de Ayn Rand, seu herdeiro intelectual e o responsável por sistematizar e promover o Objetivismo, explica que para Rand, a filosofia

é o fator fundamental na vida humana; é a força básica que molda a mente e o caráter dos homens e o destino das nações. Ela os molda para o bem ou para o mal, dependendo do tipo de filosofia que os homens aceitam. A escolha de um homem, segundo Ayn Rand, não é se ele terá ou não uma filosofia, mas apenas qual filosofia ele terá. Sua escolha é se sua filosofia será consciente, explícita, lógica e, portanto, prática — ou aleatória, não identificada, contraditória e, portanto, letal (PEIKOFF, In: Rand, 1984, p. 2).

A filosofia é uma necessidade humana indispensável, pois antes mesmo de ter qualquer tipo de conhecimento técnico sobre filosofia ou ideias abstratas, o homem fará escolhas ou será omissivo, terá opiniões ou será indiferente, sentirá emoções de confiança ou de medo, terá momentos de alegria ou de tristeza, terá desejos e sonhos ou evitará ter ambições. A origem de todas estas experiências está no senso de vida. O que varia é se o homem é consciente de seu senso de vida ou não (RAND, 1984).

O mecanismo cognitivo que integra todas as experiências, atividades psicológicas e conclusões do homem é subconsciente. Por esta razão, ele realiza a integração de forma automática e emocional, mas não consciente e racional. Aquilo que começa com problemas concretos e particulares imediatos, geralmente na infância, é generalizado sobre toda a existência. Isso resulta em uma emoção-base sobre todas as outras emoções e experiências. Esta resposta emocional é o senso de vida que Rand definiu como “o equivalente pré-conceitual da metafísica, uma avaliação emocional, subconscientemente integrada, do homem e da existência. Ele define a natureza das respostas emocionais de um homem e a essência de seu caráter.” (RAND, 1971, p. 14). Rand continua:

Muito antes de ter idade suficiente para compreender um conceito como metafísica, o homem faz escolhas, forma julgamentos de valor, experimenta emoções e adquire uma certa visão *implícita* da vida. Cada escolha e julgamento de valor implica uma avaliação de si mesmo e do mundo ao seu redor — particularmente, de sua capacidade de lidar com o mundo. Ele pode tirar conclusões conscientes, que podem ser verdadeiras ou falsas; ou pode permanecer mentalmente passivo e apenas reagir aos eventos (isto é, apenas sentir). Seja como for, seu mecanismo subconsciente resume suas atividades psicológicas, integrando suas conclusões, reações ou evasões em uma soma emocional que estabelece um padrão habitual e se torna sua resposta automática ao mundo ao seu redor. O que começou como uma série de conclusões isoladas e específicas (ou evasões) sobre seus próprios problemas particulares, torna-se um sentimento generalizado sobre a existência, uma *metafísica* implícita com o poder motivacional envolvente de uma emoção constante e fundamental — uma emoção que faz parte de todas as suas outras emoções e subjaz a todas as suas experiências. *Isso* é um senso de vida (RAND, 1971, p. 14-15).

Onkar Ghate, diretor de Filosofia no *Ayn Rand Institute*, afirma que neste trecho, quando Rand fala de um “sentimento generalizado sobre a existência”, ela



se refere a uma perspectiva sobre os fatos da realidade — sobre as várias coisas e eventos que se enfrenta ao longo da vida cotidiana — que os categoriza em aqueles que realmente importam e aqueles que não importam, aqueles que são essenciais e, portanto, devem ser considerados em todos os pensamentos e ações, e aqueles que são acidentais e, portanto, devem ser deixados de lado (GHATE, 2016, p. 119).

A palavra-chave aqui é “*importante*”. O senso de vida é uma avaliação pré-conceitual sobre o que é importante dentro do contexto de desenvolvimento do indivíduo. A realidade é complexa, com uma infinidade de experiências e interações de todos os tipos. Desde criança o homem tem contato com toda sorte de situações possíveis, aleatórias e imprevisíveis. Desde as regras dos seus pais, até o que ele consome na televisão, que tipo de coisas escuta na igreja ou na rua, como ele é cobrado na escola, o que seus amigos gostam etc. Como é impossível que a cognição humana, principalmente de uma criança, compreenda, selecione, sintetize e armazene todos estes materiais conscientemente de forma discriminada, um mecanismo subconsciente irá cumprir este papel. Ele irá integrá-los e formar um senso de vida que determinará o que é considerado *importante* para o sujeito, quer ele saiba disso ou não. Nathaniel Branden, psicólogo e um dos principais colaboradores de Rand, explica que o senso de vida é como uma afirmação silenciosa como “isto é o que eu considero importante — importante para eu projetar e para que os outros percebam — este é o mundo como eu o vejo — esta é a essência das coisas — isto é o que importa” (BRANDEN, 2011, posição Kindle 7553).

Uma vez que o senso de vida do indivíduo começa a ser formado a partir da infância, ele está passível de influência de tudo o que ocorre ao seu redor, de seu contexto familiar, social e cultural. Todos os homens terão algum senso de vida até sua morte e um mesmo senso de vida permanecerá inalterado se o sujeito nunca realizar um exercício filosófico de reflexão e de confronto com as suas conclusões. Para isso, Rand sugere três perguntas.

3 AS TRÊS PERGUNTAS FUNDAMENTAIS

Se o senso de vida é um equivalente pré-conceitual da metafísica (RAND, 1971, p. 42), é importante definir o que metafísica significa para a filósofa. Peikoff explica para Rand, a metafísica é um ramo da filosofia, uma categoria de estudo que

identifica a natureza do universo como um todo. Ela informa aos homens em que tipo de mundo eles vivem e se existe uma dimensão sobrenatural além dele. Ela lhes diz se vivem em um mundo de entidades sólidas, leis naturais, fatos absolutos, ou em um mundo de fragmentos ilusórios, milagres imprevisíveis e fluxo incessante. Ela informa se as coisas que percebem por meio dos sentidos e da mente formam uma realidade compreensível, com a qual podem lidar, ou algum tipo de aparência irreal, que os deixa perplexos e indefesos (PEIKOFF, 1982, p. 23).

Desta forma, a metafísica é representada pela primeira pergunta proposta por Rand: “*onde estou?*” (RAND, 1984, p. 1). Ao serem confrontados com a pergunta, a maioria dos homens olha para as suas imediações, dá de ombros para as implicações filosóficas dessa questão e respondem: “estou

em uma sala em Nova Iorque”. Acontece que esta pergunta não lida com os particulares – sala, cidade – mas com os fundamentais: *o que é a realidade? o que existe?* Em um nível subconsciente, os homens já têm as respostas implícitas e integradas em seu senso de vida, mesmo que não saibam. O que eles acreditam, e podem estar enganados, é também terem as respostas em um nível explícito e, por esta razão, a declaração “estou na cidade de Nova Iorque” já seria o bastante. Então eles se esquivam de realizar as perguntas e sofrem as consequências de sua evasão (RAND, 1984, p. 2).

Por isso a necessidade de conhecer todas as implicações filosóficas e validar suas conclusões. Estas implicações aparecem na forma das perguntas: estou em um universo natural, lógico e absoluto ou em um universo caótico, imprevisível e incompreensível? O que vejo é real ou ilusório? Os objetos existem independentemente do observador ou o observador cria os objetos? As coisas são o que são ou existem contradições na realidade? A consciência apenas observa ou ela também cria a existência? (RAND, 1984, p. 3).

Esta classe de perguntas, afirma Peikoff, determina a visão que o indivíduo terá sobre a sua capacidade de viver e afetará diretamente as suas escolhas práticas ao longo da vida. Se o homem “é um ser eficaz em um universo benevolente, então certas escolhas e ações (expressando autoafirmação, ambição, idealismo) são apropriadas a ele; se não, não” (PEIKOFF, 1991, p. 415). Peikoff explica que o entendimento de Rand foi o de que essas questões são a ponte que liga a metafísica com a ética e que irão determinar a fundação dos valores do homem e, por consequência, suas ações.

Qualquer que seja a resposta oferecida para “*onde estou?*”, sempre haverá uma segunda pergunta subsequente e necessária: “*como sei disso?*” (RAND, 1984, p. 2). Novamente, a maioria dos homens também se esquivam das implicações filosóficas dessa questão e afirmam coisas como “é autoevidente”, “sinto que é verdade” ou “não sei”. Eles aceitam que as suas conclusões estão certas sem questioná-las ou chegam a afirmar que não é possível concluir qualquer coisa sobre nada. Contudo, a “extensão de sua autoconfiança — e de seu sucesso — será diferente, de acordo com o conjunto de respostas que você aceitar” (RAND, 1984, p. 3) para as seguintes perguntas que Rand propôs: eu conheço pela razão, pelas emoções ou pela revelação? Minhas experiências sensoriais são válidas ou meus sentidos me enganam? Minha razão é alimentada pelas experiências ou existem ideias inatas anteriores ao meu nascimento? Minha mente é competente para lidar com a realidade ou estou condenado à dúvida perpétua? (RAND, 1984, p. 2-3). As respostas irão determinar a confiança que o homem possui em si mesmo e a extensão de suas ambições intelectuais.

Uma terceira pergunta “*o que devo fazer?*” decorre necessariamente das duas outras anteriores. “Aqui”, afirma Rand, os homens “não têm muita certeza — mas a resposta habitual é: o que quer que todos façam” (RAND, 1984, p. 2). O resultado são as emoções de “medo sem causa e uma culpa indefinida” e de forma prática, estes homens “não são muito ativos, não são muito confiantes, não são muito felizes” (RAND, 1984, p. 2).

Para que o homem possa fazer a terceira pergunta, ele precisa primeiro ter respondido as duas outras anteriores. Para saber o que deve ser feito, o homem primeiro deve compreender o universo – onde ele fará – e a si mesmo – quem fará. Se o homem responde que é incapaz de lidar com um universo incompreensível, ele apresentará uma certa classe de respostas. Se o homem responde que é possível compreender e lidar com o universo, ele terá respostas totalmente diferentes. As implicações filosóficas desta terceira pergunta são: tenho livre-arbítrio ou sou pré-determinado? Acredito que a felicidade é possível ou devo escapar do sofrimento? Eu posso ser moralmente bom ou sempre serei um homem mau? Os homens ao meu redor são meus iguais ou meus inimigos? Devo agir pelos meus objetivos ou pelo bem dos outros? Devo sonhar alto ou devo ser humilde? (RAND, 1984, p. 3). As respostas irão determinar o grau de atividade ou inércia, confiança ou medo, felicidade ou culpa. Em outras palavras, a sua *autoestima*.

O confronto destas três perguntas “*onde estou? como sei disso? o que devo fazer?*” e as suas implicações é extremamente difícil, afirma Ghate. Estas questões

são difíceis de formular explicitamente, muito menos de responder corretamente. No entanto, Rand sustenta que um indivíduo, ainda assim, forma respostas *implicatas* para essas perguntas à medida que cresce e chega à idade adulta. Diante de inúmeras questões concretas e problemas de sua vida cotidiana, uma criança em amadurecimento deve tirar algumas conclusões específicas, formar alguns julgamentos de valor e fazer algumas escolhas. A racionalidade e a precisão dessas escolhas se somarão em sua mente, gerando não apenas um senso de eficácia e valor próprio, mas também uma noção do tipo de mundo em que vive. (GHATE, 2016, p. 119)

O homem sempre fará escolhas que representarão a sua estimativa do mundo e de si mesmo. Contudo, uma escolha fundamental que nunca é feita é a validação de suas conclusões por fazer as perguntas acima, descobrir o seu senso de vida e confrontar as respostas. De um jeito ou de outro, seu senso de vida será formado e ao longo da vida. Ele apenas saberá disso ou não.

Assim como a experiência humana é uma multiplicidade, também o senso de vida é um espectro variável, explica Branden (2011, posição Kindle 7558). O senso de vida soma todos os valores individuais que são difusos em uma emoção-base que é integrada. Contudo, as experiências que podem dar origem a estes valores podem ser aleatórias. A evasão quanto ao senso de vida pode resultar em valores conflitantes e emoções contraditórias. Ainda assim, o senso de vida é tão inescapável quanto é a filosofia. O homem sempre irá fazer alguma estimativa da essência das coisas, sempre irá selecionar o “gênio ou o psicótico” como representante da humanidade, sempre caracterizará o homem pela “eficácia ou a impotência”, sempre entenderá que a essência da vida é “a realização e a felicidade — ou o fracasso e a miséria” (BRANDEN, 2011, posição Kindle 7558-7563).

Sobre o processo em que o senso de vida é formado, Rand explica:

Um senso de vida é formado por um processo de generalização emocional que pode ser descrito como um equivalente subconsciente de um processo de abstração, uma vez que é um



método de classificação e integração. Contudo, trata-se de um processo de abstração *emocional*: consiste em classificar as *coisas de acordo com as emoções que elas evocam* — isto é, unir, por associação ou conotação, todas aquelas coisas que têm o poder de fazer um indivíduo experimentar a mesma (ou uma emoção semelhante) (RAND, 1971, p. 16)

Para ilustrar essa variação do espectro, é possível imaginar quatro pessoas diferentes. A primeira sente que a felicidade existe como uma certeza e que o sofrimento é apenas uma exceção. A segunda sente que a felicidade pode ser atingida com muita dificuldade e esforço para superar o sofrimento que é natural. A terceira sente que a felicidade é frágil e feita de raros momentos e que o sofrimento é a norma. A quarta sente que a felicidade é uma ilusão utópica e que o homem está preso em um estado permanente de sofrimento.

Esses quatro exemplos ilustram como o senso de vida pode variar de pessoa para pessoa. Apesar desta variação, Rand localizou o senso de vida duas premissas opostas fundamentais, a premissa benevolente e a premissa malevolente.

4 SENSO DE VIDA BENEVOLENTE E MALEVOLENTE

A premissa benevolente está presente na convicção de que as “ideias importam, que o conhecimento importa, que a verdade importa, que a mente de alguém importa” (RAND, 1999, p. 122). Alguém com o senso de vida benevolente é incapaz de acreditar no triunfo do mal como uma força onipotente e inescapável. Quando este sujeito olha para os acontecimentos ao seu redor, ele sente que aquela “injustiça (ou terror, ou falsidade, ou frustração, ou dor, ou angústia) é a exceção na vida, não a regra” (RAND, 1999, p. 122) e que mesmo que em seu contexto imediato exista muita violência, pobreza e sofrimento, em algum lugar do mundo existem seres racionais que vivem uma vida digna de humanos, que a felicidade está ao seu alcance e que o bem é possível.

Peikoff explica que neste contexto, benevolência tem um significado diferente de bondade. O senso de vida benevolente é aquele em que o homem entende que deve se adaptar ao universo, e não o contrário. “Se ele se adapta a ele” explica Peikoff, “então o universo é ‘benevolente’ em outro sentido: ‘favorável à vida humana’”. A explicação continua:

Se um homem reconhece e adere à realidade, ele pode alcançar seus valores na realidade; ele pode e, em igualdade de condições, ele irá. Para o homem moral, os fracassos, embora possíveis, são uma exceção à regra. A regra é o sucesso. O estado de consciência a ser buscado e esperado é a felicidade (PEIKOFF, 1991, p. 342).

A demonstração prática dessa premissa pode ser vista em termos estéticos na história, afirma Rand. Na Grécia antiga predominava o senso de vida benevolente. Os homens eram ávidos pelo conhecimento, a arte exaltava o homem como um ser belo e heroico, a ciência avançava para o bem-estar humano. Nas palavras de Rand, os escultores da Grécia antiga apresentavam “o homem como uma figura semelhante a um deus” mesmo que ainda existissem homens que “podem ser aleijados,

doentes ou indefesos” (RAND, 1971, p. 26-27). Para o senso de vida grego, a fragilidade humana e os desastres eram tidos “como acidentais, como irrelevantes para a natureza essencial do homem — e ele apresenta uma figura que incorpora força, beleza, inteligência e autoconfiança como o estado adequado e natural do homem.” (RAND, 1971, p. 26-27).

Como o senso de vida está diretamente ligado à formação da autoestima, explica Gathe (2016, p. 120), a premissa benevolente indica como o sujeito respondeu as perguntas supracitadas. Ele acredita que é uma pessoa racional, que sua mente é eficaz e que suas ações têm potencial de sucesso em um mundo receptivo aos seres humanos – sua autoestima será maior. De forma oposta, a premissa malevolente indica outro tipo de respostas às mesmas perguntas. O sujeito carece de confiança em sua mente, acredita que a razão é impotente para conhecer um mundo que é hostil aos seres humanos – sua autoestima é inferior, pois o sujeito se sentirá impotente, fracassado e inerte. “A autoestima”, afirma Gathe, “é uma avaliação de si mesmo — em relação à realidade; o senso de vida é uma avaliação da realidade — em relação a si mesmo. (GATHE, 2016, p. 120).

O senso de vida malevolente está contido na convicção de que o homem é naturalmente “impotente e está condenado — que sucesso, felicidade e realização lhe são impossíveis — que emergências, desastres e catástrofes são a norma de sua vida e que seu objetivo principal é combatê-los” (RAND, 1964, p. 62-63). Ao olhar para seu contexto imediato, o sujeito comete o que Rand afirma ser um erro filosófico, que é generalizar que *toda* a realidade é hostil ao homem, que as catástrofes estão presentes em *todos* os lugares do mundo, que o homem é *completamente* impotente, que a razão é falha, que a felicidade é meramente uma utopia e que o bem é impossível de vencer e o homem é culpado por ser mau. Nas palavras de Rand: “o que começou como uma série de conclusões isoladas e específicas (ou evasões) sobre seus próprios problemas particulares, torna-se um sentimento generalizado sobre a existência” (RAND, 1971, p. 15). Peikoff complementa que a premissa malevolente “afirma que o homem *não pode* alcançar seus valores; que os sucessos, embora possíveis, são uma exceção; que a regra da vida humana é o fracasso e a miséria” (PEIKOFF, 1991, p. 342).

De forma prática na história, segundo o entendimento objetivista, o senso de vida malevolente foi predominante em toda a idade média e está presente na cultura atual. Os medievais, explica Rand, apresentavam o homem conforme eles o entendiam, “como uma monstruosidade deformada”. Ainda que fosse possível que existissem “homens que são saudáveis, felizes ou confiantes”, os medievais consideravam “essas condições como acidentais ou ilusórias, como irrelevantes para a natureza essencial do homem”. O senso de vida malevolente da idade média “apresenta uma figura torturada que incorpora dor, feiura e terror como o estado adequado e natural do homem” (RAND, 1971, p. 27).

No contexto da cultura atual, o senso de vida malevolente está presente em uma espécie de nihilismo. Peikoff descreve da seguinte forma:

Eles buscam a emoção do novo; e o novo, para eles, é o negativo. O novo é a aniquilação, a aniquilação do essencial em cada campo; eles não têm interesse em nada que o substitua. Assim, a singularidade do século que ficou para trás: filosofia alegremente livre de construção de sistemas, educação baseada na teoria de que a cognição é prejudicial, ciência orgulhosa de sua incapacidade de entender, arte que expulsou a beleza, literatura que ostentava *anti*-heróis, linguagem “libertada” da sintaxe, verso “livre” de métrica, pintura *não* representacional, música atonal, psicologia do *inconsciente*, *desconstrução* na crítica literária, *indeterminação* como a nova profundidade na física, *incompletude* como a revelação na matemática — um vazio em toda parte aclamado pela vanguarda com uma risada metafísica. Era o som do triunfo, o triunfo do novo *anti*-ideal: do incognoscível, do inalcançável, do insuportável (PEIKOFF, 1991, p. 457-458).

Esses exemplos de Peikoff servem para ilustrar como as consequências finais de ações humanas começam a partir do papel que a filosofia exerce na vida do homem. Embora muitos intelectuais tenham total clareza sobre suas ideias implícitas e explícitas, isto não os isenta daquelas perguntas fundamentais que Rand propôs. Um senso de vida que tenha tido origem na conclusão de que o universo é incognoscível dificilmente resultará em ideias explícitas que sustentem a razão como um absoluto, que exaltem a busca pela verdade e por conclusões, que procure ordem no universo e recrie ordem na arte e na vida – e neste caso, os exemplos de Peikoff são demonstráveis.

5 SENSO DE VIDA NA PRÁTICA

A nível individual, um senso de vida benevolente ou malevolente irá se traduzir nos detalhes e nas preferências cotidianas. Quanto mais benevolente seu senso de vida, mais autoconfiante o sujeito será, mais atração sentirá pela visão idealizada de homem e mais repellido pelo homem como ser vulnerável. De forma contrária, quanto mais malevolente seu senso de vida, menor será a sua autoconfiança, maior a atração pela visão do homem como um ser frágil e cheio de falhas e mais repellido pela visão de homem como um ser bem-sucedido.

Nas palavras de Rand, alguém com um senso de vida benevolente se sentirá atraído por “um novo bairro, uma descoberta, aventura, luta, triunfo [...] um homem heroico, o horizonte de Nova York, uma paisagem iluminada pelo sol, cores puras, música extasiante” (RAND, 1971, p. 16). Alguém com um senso de vida malevolente será atraído pelo sossego dos “vizinhos ao lado, uma recitação decorada, [...] uma rotina conhecida, conforto [...] um homem humilde, uma antiga vila, uma paisagem enevoadada, cores acinzentadas, música folk” (RAND, 1971, p. 16). Todas estas preferências dependem das repostas apresentadas às três perguntas do começo do artigo. Rand continua:

Para um homem com autoestima, a emoção que une os elementos da primeira parte desses exemplos é a admiração, exaltação e um senso de desafio; a emoção que une os elementos da segunda parte é o desgosto ou o tédio. Para um homem que carece de autoestima, a emoção que une os elementos da primeira parte desses exemplos é o medo, culpa e ressentimento; a emoção que une os elementos da segunda parte é o alívio do medo, a reafirmação reconfortante e a segurança sem exigências da passividade (RAND, 1971, p. 16).

Em relações humanas, ainda que pessoas tenham vidas diferentes, elas podem ter um senso de vida compatível. Por exemplo, uma pessoa pode escolher a biblioteca e outra os campos de futebol. E ambas podem acreditar que o sucesso é possível pela prática contínua, que o homem pode ser habilidoso e que é livre para escolher sua carreira. Em um exemplo oposto, alguém mais intelectualmente educado, que sustente que a vida carece de significado, que pensa que a realidade é incompreensível e que o homem é um ser maligno possui um senso de vida compatível com um sujeito depressivo, que desistiu de aprender, de criar, de produzir e sente que o ato de dormir é um alívio momentâneo da dor da existência. Em qualquer um dos exemplos acima, o homem precisará de um critério que irá estruturar suas abstrações emocionais. O critério, explica Rand, é uma declaração velada, não-verbal daquilo “que é importante para mim” ou: ‘O tipo de universo que é adequado para mim, no qual eu me sentiria em casa’” (RAND, 1971, p. 17).

Gathe reforça o argumento de Rand com mais dois exemplos. Uma pessoa que procura conhecimento ativamente terá como valor o entendimento. Quando obtém conhecimento, ela sente que este resultado é real e verdadeiro. Quando há um erro de conhecimento, ela irá avaliar que se trata um acidente corrigível e logo age para consertar seus erros. Por outro lado, uma pessoa mais passiva carecerá de um senso de eficácia. Ainda que conhecimento e entendimento talvez sejam valores em algum grau para ela, eles não serão *importantes*. Ao obter conhecimento sobre algo, a avaliação é de que isso seria acidental, pois a falha em obter o conhecimento que é a coisa esperada (GATHE, 2016, p. 120).

Como o senso de vida é uma filosofia implícita, ele pode estar em contradição com as ideias explícitas do próprio indivíduo que sofrerá com um conflito interno constante e com possíveis consequências catastróficas. Para ilustrar esse ponto, Rand descreve uma pessoa real que ela conheceu. O Mr. X era um jovem que possuía “o rosto mais trágico que já havia encontrado”. Este jovem tinha 26 anos, era um acadêmico de engenharia “brilhante” com um futuro promissor, mas que carecia de qualquer energia ou motivação. Estava paralisado pela indecisão e pelas frustrações da vida, “ele era como um manto de cinzas sem cor que jamais havia sido incendiado”. Certa vez, ao assistir um filme sobre um profissional “movido por uma visão apaixonada, intransigente e dedicada de seu trabalho”, o Mr. X sentiu simultaneamente duas emoções – admiração e culpa por ter sentido esta mesma admiração. O seu senso de vida indicou a direção da exaltação, mas suas ideias conscientes o repreenderam: “a vida não é assim”. O que salvou o Mr. X, afirma Rand, é precisamente aquilo que este artigo argumenta: o processo de identificação das três perguntas iniciais, o confronto com as respostas e a verificação da validação das conclusões, seguida pela construção de uma filosofia consciente e disciplinada que foi integrada com o seu senso de vida sem contradições. Desta forma, Mr. X pôde tomar decisões calculadas em sua carreira e encarar os desafios profissionais com

autoconfiança. Seu sucesso profissional e financeiro, afirma Rand, era ausente de qualquer resquício de culpa (RAND, 1971, p. 135-137).

Durante o processo que Mr. X fez de responder as três perguntas “*onde estou? Como sei disso? O que devo fazer?*” e todas as outras perguntas derivadas, o homem ao fazer o mesmo, começará a identificar o seu senso de vida a partir daquilo que ele considera *importante* em suas conclusões. Rand explica:

"Importante" — em seu significado essencial, distinto de seus usos mais limitados e superficiais — é um termo *metafísico*. Refere-se a um aspecto da metafísica que serve como ponte entre a metafísica e a ética: uma visão fundamental da natureza do homem. Essa visão envolve respostas a questões como: o universo é cognoscível ou não? O homem possui o poder de escolha ou não? Ele pode alcançar seus objetivos na vida ou não? As respostas a essas perguntas são “*juízos de valor metafísicos*”, pois formam a base da ética. Somente aqueles valores que ele considera ou passa a considerar como “*importantes*”, aqueles que representam sua visão implícita da realidade, permanecem no subconsciente de um homem e formam seu senso de vida. “*É importante entender as coisas*” — “*É importante obedecer aos meus pais*” — “*É importante agir por conta própria*” — “*É importante agradecer as outras pessoas*” — “*É importante lutar pelo que eu quero*” — “*É importante não criar inimigos*” — “*Minha vida é importante*” — “*Quem sou eu para me arriscar?*”. O homem é um ser de alma autoformada — e é de tais conclusões que a substância de sua alma é feita. (Por “*alma*” quero dizer “*consciência*.”) A soma integrada dos valores básicos de um homem é seu senso de vida. (RAND, 1971, p. 17)

Em qualquer que seja o caso, o homem tem a necessidade de identificar o seu senso de vida, isto é, suas conclusões e estimativas sobre a sua relação com a existência e assumir o controle, em vez de ser controlado, das generalizações e emoções negativas. Ao mesmo tempo em que ele desenvolve uma filosofia coerente, livre de contradições e integrada que o coloque na direção certa.

A direção certa é o senso de vida benevolente, afirma Rand. Pois ver o mundo como receptível ao homem, governado por leis naturais, estáveis e compreensíveis e o homem como capaz de entender estas leis é meramente uma constatação da realidade – uma conclusão necessariamente verdadeira. Pois para Ayn Rand, a existência tem primazia sobre a consciência, a razão é um absoluto e tem validade epistemológica e o homem deve idealizar e buscar a sua felicidade pessoal (PEIKOFF, 1991, p. 453).

Como Peikoff explicou, benevolência é diferente de bondade ou de intencionalidade. O universo é neutro e não deseja ajudar ou prejudicar o homem. Benevolência é uma constatação da *relação* do homem com o universo. Se o homem é um ser que possui livre arbítrio e cognitivamente competente para superar as dificuldades, então benevolência adquire sentido de ser propício à vida humana e às ações do homem (PEIKOFF, 1991, p. 342). Mas aquele homem que cuja relação com o universo é de passividade e estagnação, ele perceberá o universo como hostil a ele.

Um senso de vida benevolente também não implica em ignorar que existam dificuldades no mundo, que há pessoas infelizes e doentes, países pobres e miseráveis, tragédias que destroem



populações inteiras e guerras violentas e brutais. Mas implica em reconhecer que isso tudo existe e agir para mudar todas estas coisas para o lado do bem.

O contrário, a aceitação total de um senso de vida malevolente, seria condenar o homem a uma vida de ignorância sem o conhecimento, de dúvida sem a certeza, de medo sem a coragem, de fracasso sem o sucesso, de conflito sem a paz, de opressão sem direitos, de pobreza sem produtividade, de ruína sem a reconstrução, de doença sem a medicina, de dor sem anestesia, de escuridão sem a luz, de silêncio sem a música, de feiura sem o belo, de apatia sem paixão, de solidão sem o amor. Mas como os homens são capazes de aprender e se educarem, de nunca aceitar a ignorância, de se apaixonar por algo ou por alguém, de criar as coisas mais belas que evocam as mais profundas das emoções, de fazer ciência que ilumina a escuridão do mundo, de aplicar tecnologia para o bem-estar humano, de lutar por direitos iguais e pela paz, de amar profundamente e de valorizar – o senso de vida benevolente é uma mera constatação de fatos. O malevolente, uma contradição com a realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Ayn Rand, a filosofia não é um luxo intelectual restrito aos acadêmicos, mas uma necessidade urgente para todos. E o senso de vida é tão necessário e essencial quanto. É a base emocional subconsciente da experiência humana e de todas as decisões ao longo da vida. Ainda que os homens sejam ignorantes sobre filosofia no sentido técnico e acadêmico, o senso de vida é a filosofia implícita que todos têm e que irá moldar sua interpretação do mundo, de si mesmo, de suas relações sociais e objetivos pessoais. Em última análise, a questão do senso de vida é também uma questão sobre autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

Ao se esquivar das perguntas “*onde estou? Como sei disso? O que devo fazer?*” uma parte fundamental do ser humano é perdida e permanece a ele desconhecida, o que pode levá-lo a uma existência guiada por ideais nunca examinadas e por muitas vezes conflitantes com a sua própria vida, que será caracterizada por medo, culpa, insegurança e frustração. Sua passividade é uma rendição para as incertezas e a permissão para que as forças exteriores o controlem e o levem à destruição.

Por outro lado, a proposta de Ayn Rand de confrontar estas questões de forma consciente e disciplinada é um exercício constante para a vida toda. Somente desta forma é possível alinhar o senso de vida com uma filosofia explícita e coerente e obter uma vida plena e realizada com um senso de vida benevolente. Portanto, o homem passa a reconhecer a realidade como um lugar cognoscível e estável, a si mesmo como um ser capaz e racional e a felicidade como algo possível e desejável. Sua vida será mais significativa e suas conquistas cada vez maiores.



REFERÊNCIAS

BRANDEN, Nathaniel. The Benevolent Sense of Life. *The Vision of Ayn Rand: The Basic Principles of Objectivism*. Versão Digital Kindle. Cobden Press, 2011.

GHATE, Onkar. A Being of Self-Made Soul. In: GOTTHELF, Allan; SALMIERI, Gregory (eds.). *A Companion to Ayn Rand*. Malden, MA: Wiley Blackwell, 2016. p. 105-129.

PEIKOFF, Leonard. Part One – Theory. *The Ominous Parallels: The End of Freedom in America*. New York: Meridian, Penguin Group (USA) Inc., 1982. Versão Digital Kindle. ISBN: 978-1-101-14755-9.

_____. Objectivism: The Philosophy of Ayn Rand. Vol. VI, *The Ayn Rand Library*. Versão Digital Kindle. Meridian; Penguin Group, 1991.

RAND, Ayn. The Virtue of Selfishness: A New Concept of Egoism. New York: Signet, Penguin Group (USA) Inc., 1964. Versão Digital Kindle. ISBN: 978-1-101-13722-2.

_____. The Romantic Manifesto: A Philosophy of Literature. Revised Edition. New York: Signet, Berkley, Penguin Random House LLC, 1971. Versão Digital Kindle. 1971. ISBN: 9780593437322.

_____. Philosophy: Who Needs It. New York: Signet, New American Library, Penguin Group (USA) Inc., 1984. Versão Digital Kindle. ISBN: 978-1-101-13770-3.

_____. Return of the Primitive: The Anti-Industrial Revolution. New York: Meridian, Penguin Putnam Inc., 1999. Versão Digital Kindle. ISBN: 978-1-101-13727-7.